

ÁFRICA DO SUL Viagem de Barack Obama divide as atenções internacionais com o grave estado de saúde de Nelson Mandela. Ida do presidente dos Estados Unidos ao hospital onde está o líder da luta contra o apartheid não foi confirmada

VISITA OFUSCADA

» GABRIELA FREIRE VALENTE

Barack Obama desembarcou na noite de ontem, na África do Sul, em meio a expectativas de um encontro entre o primeiro chefe de Estado negro dos EUA e Nelson Mandela, o ex-presidente sul-africano que se tornou ícone da luta contra o apartheid no país. Ainda a bordo do avião presidencial, o Air Force One, Obama afirmou que avaliaria a possibilidade de visitar Mandela e dispensou o registro do momento. “Não preciso de uma foto com ele. A última coisa que quero é ser inoportuno num momento de preocupação familiar”, declarou. De acordo com a ex-mulher Winnie Madikizela-Mandela, o ex-presidente apresentou “grande melhora, apesar de não estar clinicamente bem”. Até o fechamento desta edição, Mandela seguia hospitalizado na cidade de Pretória e a ida de Obama ao hospital permanecia uma incógnita.

O possível encontro é considerado um momento simbólico na agenda bilateral do líder norte-americano. Para Edgard Coly, especialista em política africana do Instituto Monterey de Estudos Internacionais, esta seria uma oportunidade para o presidente americano mostrar seu respeito a quem ele chamou de “herói para o mundo”, na última quinta-feira. “Eles não têm muito a dizer um ao outro, mas (o encontro) seria um símbolo: ambos são a prova viva das mudanças que acontecem em seus países”, avalia Coly.

Apesar das expectativas positivas, cerca de 200 manifestantes se reuniram em frente à Embaixada dos Estados Unidos, em Pretória, para protestar contra o imperialismo norte-americano mesmo antes da chegada de Obama à África do Sul. “Estamos aqui para dizer ao povo americano que esta guerra também é deles. O terror e a tirania que o seu governo espalha em todo o mundo são o mesmo terror e tirania dentro de suas fronteiras”, declarou Buti Manamela, secretário nacional da Liga da Juventude Comunista. “Protestamos contra a visita do presidente Barack Hussein Obama”, disse o imã Syed Sayeed, diante da multidão, formada por estudantes e sindicalistas. De acordo com o jornal *USA Today*, estudantes da Universidade de Johannesburg, onde o presidente deve discursar depois de ser homenageado no domingo, iniciaram uma campanha contra o uso de drones (aviões não tripulados) no Oriente Médio, com o slogan “Não, você não pode honrar Obama”.

Agenda bilateral

A agenda oficial de Obama começa hoje, com a reunião entre ele e o colega sul-africano, Jacob Zuma. Ontem, o chefe de Estado americano esteve no Senegal e ainda deve fazer uma passagem pela Tanzânia. Esta é a segunda visita do presidente ao continente africano desde que assumiu o comando dos EUA, em 2009. O tour pela África tem os objetivos de estreitar as relações bilaterais e criar oportunidades para negócios. Antônio Jorge Ramalho, professor de relações internacionais da Universidade de Brasília (UnB), acredita que a visita “serve de contrapeso à presença da China na região”. “A África já é um lugar estratégico para os EUA e a tendência é que isso aumente. Os americanos estão preocupados com a expansão chinesa na África há alguns anos e enxergam a China como ameaça”, pondera Ramalho. O especialista da UnB ressalta que o desenvolvimento econômico e democrático do continente contribuiria para a

Stephane de Sakutu/AFP



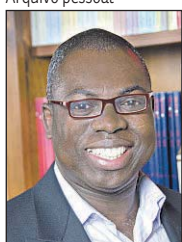
Em protesto contra a presença de Obama, moradores de Pretória queimam a bandeira norte-americana diante da Embaixada dos Estados Unidos

Não preciso de uma foto com ele. A última coisa que quero é ser inoportuno”

Barack Obama,
presidente dos Estados Unidos

» Eu acho...

Arquivo pessoal



“As relações entre os americanos e africanos estavam ruins. O que preocupa os EUA é que a África ofereça recursos e apoio diplomático para que Pequim possa competir com Washington, colocando em risco a segurança dos EUA. A escolha dos países visitados teria sido feita por causa da mentalidade da Guerra Fria. O Senegal é militarmente importante para o Ocidente, enquanto as relações com a Tanzânia são estratégicas pela localização costeira e a proximidade com a Ásia.”

» **Thomas Tiekou,**
autor de *US-Africa Relations in the Age of Obama* (Relações EUA-África na era Obama, em livre tradução)

Jason Reed/Reuters



Obama e Michelle passam em revista as tropas da África do Sul, após desembarque na Base Aérea de Waterkloof

absorção das demandas norte-americanas.

Na avaliação de Jendayi Frazer, ex-embaixadora dos EUA na África do Sul e membro do Conselho de Relações Exteriores, além de impulsionar os negócios de empresas americanas, a visita de Obama dará destaque às democracias africanas. “Ele escolheu esses três países para visitar por serem democracias estáveis. Acho que ele quer elevar a imagem da África como um lugar onde há países seguros e estáveis”, disse ela. Edgard Coly sustenta que levará um “certo tempo” para os re-

sultados econômicos provenientes da visita aparecerem. Ele lembra que os EUA tiveram uma atuação tímida na África desde o fim da Guerra Fria e que, mesmo durante o primeiro mandato de Obama, a região ficou em segundo plano na agenda da Casa Branca. “Os africanos, que tinham grandes esperanças depois da eleição de um afrodescendente para a Presidência dos EUA, ficaram desapontados por não serem prioridade na gestão Obama. A viagem é mais para restabelecer os laços do presidente com a terra de seus ancestrais”, ponderou Coly.

» Disputa judicial por sepultura

Membros da família de Nelson Mandela abriram uma ação judicial contra um dos netos do ex-líder que, em 2011, transferiu os restos mortais do pai e de dois tios do cemitério de Qunu, o povoado onde Mandela cresceu, sem permissão dos demais parentes. O pedido exige que Mandla, de 38 anos, repatrie os corpos. “Dezesseis membros da família me pediram que eu abrisse um processo contra Mandla”, explicou Wesley Heyes, um dos advogados da família.

Defesa de Snowden

O pai de Edward Snowden, o homem mais procurado pelos Estados Unidos por vaziar informações de segurança, afirmou ontem, em entrevista à rede de TV americana NBC, que o filho agiu por patriotismo e estaria pronto para se entregar, caso algumas condições fossem atendidas. Apesar de não ter tido contato recente com o ex-colaborador da Agência de Segurança Nacional (NSA, pela sigla em inglês), Lonnie Snowden disse estar convicto de que Edward retornaria aos EUA após receber garantias de que não será preso antes do julgamento.

O rapaz, de 30 anos, foi acusado de espionagem por vaziar à imprensa segredos sobre programas americanos de vigilância civil e de interceptação de dados. As revelações foram feitas a partir de um quarto de hotel em Hong Kong. Desde o último fim de semana, segundo autoridades russas, quando desembarcou em Moscou, Snowden segue hospedado em um hotel na área de trânsito do Aeroporto Sheremetyevo. O Equador avalia um pedido de asilo. O pai do ex-agente declarou ter enviado, por meio do advogado, uma carta ao procurador-geral americano, Eric Holder, na qual especifica as condições para a entrega do filho.

Não tenho a sensação de que ele tenha cometido uma traição”

Lonnie Snowden,
pai do ex-agente da CIA Edward Snowden

Na entrevista à NBC, Lonnie também exigiu que o filho não seja obrigado a se manter em silêncio. A emissora esclareceu que pai e filho não se falam desde abril. “Não tenho a sensação de que ele tenha cometido uma traição. Ele violou a lei americana, já que divulgou informações confidenciais. Mas, para aqueles que querem catalogá-lo como traidor, não creio que ele tenha feito isso com o povo dos EUA”, defendeu Lonnie.

Bloqueio

Edward Snowden mostrou que os EUA mantêm um programa secreto, chamado Prism, para monitorar dados de usuários de internet fora do território americano. Ontem, o Departamento de Defesa dos EUA bloqueou as informações sobre esse e outros programas de monitoramento em seus computadores. “Se um site decidir publicar informações que o Pentágono considera confidenciais, esses dados serão filtrados e as redes militares os tornarão inacessíveis”, explicou à agência France-Presse o tenente-coronel Damien Pickart.

O futuro de Snowden deverá ser discutido, depois de amanhã, por diplomatas do Equador, da Rússia, de Cuba e da Venezuela. A reunião está marcada para ocorrer na Câmara Cívica da Federação Russa, em Moscou, e terá participação de ativistas de direitos humanos. Na quinta-feira, o presidente equatoriano, Rafael Correa, enviou um recado a Washington. “É ultrajante tentar deslegitimar um Estado por ele ter recebido uma petição de asilo”, disse.